

ENTREVISTA COM PROFESSORAS(ES) DE FILOSOFIA DO ENSINO MÉDIO DO CEARÁ

Com o objetivo de cartografar uma parte das múltiplas formas de trabalho com a Filosofia no estado do Ceará em nossa atualidade, a revista *Dialectus* organizou, através dos editores desta edição, Antônio Alex Pereira de Sousa e Paulo Willame Araújo de Lima, um conjunto de entrevistas com múltiplos(as) professores(as) e profissionais que têm a Filosofia como meio de trabalho. Sabemos que as pessoas convidadas e entrevistadas não contemplam toda a diversidade de experiências que se dão na “Terra da Luz”, mas elas podem proporcionar uma pequena compreensão de como está sendo trabalhada a Filosofia no estado do Ceará. Neste bloco estão presentes as falas de docentes do Ensino Médio, nível de formação que tem passado por grandes desafios, como o processo de implementação do novo Ensino Médio. Desejamos uma boa leitura e que os ditos e escritos aqui presentes possam fomentar reflexões e criações em torno do ensino de Filosofia no Ceará e no Brasil. Abaixo, seguem os nomes das(os) professoras(es) entrevistadas(os)¹:



Debora Klippel Fofano

Professora de Filosofia na rede Estadual e na rede particular de Fortaleza-CE.

Mais informações

<http://lattes.cnpq.br/1844116791450405>



Francisca Evanice Mourão Lima

Professora de Filosofia na rede Estadual do Ceará.

Mais informações

<http://lattes.cnpq.br/6734116278224283>



John Karley de Sousa Aquino

Professor de Filosofia no Instituto Federal do Ceará - IFCE.

Mais informações

<http://lattes.cnpq.br/2083893988665456>

¹ Ao final das entrevistas o leitor pode conferir o currículo completo de cada entrevistado.

ENTREVISTA

Poderia iniciar falando um pouco sobre sua trajetória no Ensino Médio e qual a sua compreensão sobre a BNCC e a Lei do Novo Ensino Médio? Quais contribuições e prejuízos essas normativas trouxeram para o ensino de Filosofia na educação básica, especialmente no ensino médio?

Débora: Mudanças são sempre necessárias na vida e no campo da educação não seria diferente. Transformar a educação rumo a um horizonte de possibilidades, aberto para a emancipação e autonomia de todos e todas é o que espero na educação. É por isso que reformas não bastam. Nesse sentido, tanto a BNCC quanto o NEM tem escopo construído a partir do modelo econômico neoliberal, não atendendo as demandas mais urgentes e até elementares da sociedade e do estudante. BNCC e NEM coadunam com interesses econômicos, que são importantes se colaboram com o contexto social, mas não os únicos a balizar a sociedade. Dito isso, que é o pano de fundo mais macro da questão da educação, podemos afirmar que as consequências do que chega no chão da sala de aula são sentidas na forma de contradições e paradoxos, que tanto professores quanto alunos percebem de forma muito evidente. Ora, as contribuições do que os modelos teóricos apresentam parecem elevar o patamar da educação, a exemplo da educação Integral, mas na prática caem por terra a implementação, como a precária infraestrutura básica para se passar o dia na escola. Para resumir a questão de forma muito elementar: não se faz filosofia (ou qualquer outro conhecimento) de bucho vazio, no calor, aos gritos, sem material, com alunos e professores desmotivados e sem referencial. Por isso que reformar não basta, temos que revolucionar a educação.

Evanice: Nesse ano que se inicia, completo dez anos como professora de Filosofia no Ensino Médio. Considerando que é minha primeira década no exercício do magistério, devo admitir que é muito significativo recordar o ingresso na sala de aula como professora, ainda cursando a graduação, contando com a experiência do estágio e o desejo de fazer o melhor, além de algumas ideias que hoje reconheço ainda serem utópicas, mas entendo que são típicas daquela fase. Desse período, costumo dizer, que desejo profundamente preservar aquele frio na barriga que nos faz sentir a emoção do momento e do desafio.

Sou natural e resido em Ipueiras, a cerca de 300km de Fortaleza. Cursei Licenciatura em Filosofia e me propus a lecionar na minha cidade com o objetivo de tornar a Filosofia acessível e significativa para os adolescentes e jovens do ensino médio, ressaltando as especificidades do pensamento filosófico. Durante nove anos, lecionei em uma escola estadual localizada na zona rural do município e, durante esse período, senti a necessidade de tornar, junto aos estudantes nas aulas de Filosofia o contexto social, político e econômico, sobretudo da nossa região, mais compreensível de forma crítica e ativa. Desenvolvemos projetos científicos, realizamos cafés filosóficos, debates, atividades dinâmicas, participamos de eventos regionais e estaduais.

Em 2018, fui aprovada no concurso SEDUC-CE. Atualmente, leciono em uma Escola Estadual de Educação Profissional. Sou especialista em Metodologia do Ensino da Filosofia e Sociologia, fiz especialização também em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela Universidade Federal do Ceará – UFC, pesquiso práticas de ensino de Filosofia no Programa

de Pós-Graduação em Filosofia – PROF-FILO, cursando o Mestrado Profissional em Filosofia. Embora devido à distância da capital do estado e a rotina de trabalho sejam desafios, o aperfeiçoamento profissional e a formação docente são necessários, sobretudo, diante do que nos apresentam a BNCC e a Lei do Novo Ensino Médio, que exigem de nós docentes, estudo acerca do cenário o qual passamos a ser parte essencial e para que as ações sejam conscientes e consequentemente emancipadoras, esse conhecimento é fundamental.

Diante do espaço concedido pela Revista *Dialectus*, através do convite para participar dessa entrevista, fico grata pela oportunidade de compartilhar aqui vivências e perspectivas do ensino de Filosofia no interior e no contexto do Novo Ensino Médio. O novo costuma inquietar e nos mobilizar. Quando se trata do novo Ensino Médio, deparamo-nos também com desafios. Ou seria mais apropriado dizer ataques? Já é uma realidade palpável, por exemplo, nos livros didáticos apresentados por área do conhecimento, coleções de obras para Ciências Humanas e Sociais Aplicadas que, em muitos casos, não contam com autoria de filósofos.

A construção do currículo tem sido desafiadora, considerando o que nos apresenta a BNCC e o planejamento pedagógico a partir de competências que ainda nos intriga no que tange à sua finalidade, ou seja, a quais interesses servem, em face do apelo mercadológico da sociedade neoliberal a qual pertencemos e somos tocados pelos seus tentáculos, presentes nos diferentes âmbitos, inclusive educacional.

O ensino para o desenvolvimento de competências, além da integração dos componentes curriculares nas áreas do conhecimento são frequentemente ressaltados como contribuições trazidas por essas normativas. Contudo, não alcançam desse modo a formação dos professores e professoras, caracterizando-se como proposta antagônica que coloca os docentes em situação frágil. No caso, professores especialistas nesse movimento podem se tornar desnecessários.

John: Minha experiência no ensino médio teve início quando eu fui aprovado no concurso do IFCE em 2017. Desde então sou lotado no campus de Itapipoca. No meu campus conseguimos assegurar uma boa carga horária para as ciências humanas, apesar de ter ocorrido uma revisão curricular em 2018 que pretendia reduzir carga horária das ciências humanas, artes e educação física. Para evitar isso eu compus a comissão da revisão curricular e batalhei junto com outros docentes para manter nossa carga horária, no que obtivemos sucesso. Por conta disso é que enquanto em outros campi do IFCE só há a oferta de uma disciplina de filosofia por curso integrado, no nosso campus há três disciplinas de filosofia (I, II e III), sendo cada uma ofertada anualmente para todos os cursos integrados do campus.

Quanto à BNCC, eu considero uma derrota para a educação básica, mas principalmente para nós da filosofia, pois nosso lugar na grade curricular ficou incerto. É ou não é obrigatória? Qual a carga horária mínima? São questões que ficam em aberto e isso é muito perigoso, pois se a filosofia é opcional, a tendência é que os gestores optem por não incluir a disciplina, afinal, por qual motivo gastar dinheiro com mais um professor se é possível economizar. No caso do IFCE, há a autonomia administrativa, o que significa que a instituição não é obrigada a aceitar o “novo ensino médio” e nem os novos livros didáticos (no nosso campus, nós das ciências humanas batemos o pé e continuamos com os livros antigos ao invés de usar os novos livros de qualidade duvidosa). Infelizmente, a gestão do IFCE parece tentar emplacar o novo ensino

médio, mas em vez de impor de cima para baixo, deixou para cada campus realizar suas revisões curriculares. Mais uma vez os professores de ciências humanas estão assustados, pois não sabem o que esperar. Existe a orientação de reduzir carga horária e como sempre isso é um perigo para nós, pois nossas disciplinas sempre são as primeiras que vem à mente dos burocratas quando eles pensam em redução de carga horária. Já estamos nos mobilizando para impedir que isso ocorra no campus e já me prontifiquei a compor a comissão da revisão curricular, pois nós da filosofia temos a obrigação de ocupar esses espaços e lutar pela nossa área do saber, caso contrário sempre seremos prejudicados e vamos ficar apenas nos maldizendo sem tomar nenhuma atitude.

A BNCC e a Lei do Novo Ensino Médio modificam as formas como ensinamos Filosofia na educação básica. Poderia falar um pouco sobre a mudança de perspectiva na organização da área e seus efeitos, como a mudanças na organização dos livros didáticos ofertados pelo PNLD?

Débora: É importante salientar que a forma que se ensina filosofia na educação básica ainda passa por um processo de consolidação, visto que a presença do ensino de filosofia vem historicamente sofrendo muitos golpes. Entre idas e vindas, a filosofia permaneceu presente de forma obrigatória no Ensino Médio entre os anos de 2008 e 2017, embora no Ensino Fundamental nunca tenha sido presença garantida por lei. Agora estamos no limbo novamente, não só a filosofia, mas todos os conhecimentos específicos para além de Língua Portuguesa e Matemática. Isso traz dano à categoria dos professores de filosofia, que não encontram segurança em sua profissão, são constantemente ameaçados e desestimulados. Nesse cenário, os docentes têm dificuldades em amadurecer processos didáticos de ensino que se consolidam em formações/trabalhos continuados. A filosofia tem seu próprio método de ensino, afinal esse é um problema filosófico também. Mas agora ela deve estar em transdisciplinaridade com os outros conteúdos (sociologia, geografia e história), e de fato sempre esteve, pois não há como separá-los totalmente, porém cada saber tem sua especificidade e método, misturar tudo isso traz prejuízos que podemos prever e que a longo prazo mostrarão a superficialidade nos conteúdos ofertados, tal qual já aparece no material do PNLD.

Evanice: Percebo que, até então, os livros didáticos têm sido a parte mais sensível desse processo apresentado pela BNCC e a Lei do novo Ensino Médio. De forma prática, foi a primeira ação que tivemos contato, foi no processo de escolha dos livros didáticos ofertados pelo PNLD que tivemos aquele choque de realidade e a sensação de que, embora muito tenha se discutido, questionado e se mobilizado para que alterações e correções fossem realizadas, agora era de fato uma realidade e que tínhamos que encarar como tal.

No período destinado à escolha do livro didático, já tínhamos em mente um certo grau de dificuldade que enfrentaríamos devido ao formato em que eles seriam apresentados. No caso, por área de conhecimento. Costumeiramente, acredito que pela distância, além das limitações causadas pela pandemia de COVID-19, nem todas as editoras chegam, até nós, aqui no interior, em tempo hábil. Contudo, através de grupos de professores e professoras de todo o estado no WhatsApp, conseguimos trocar informações, discutir algumas impressões e dialogar a partir

das vivências. Essa interação contribuiu muito no processo de análise das obras ofertadas pelo PNLD.

A escolha da coleção que seria trabalhada na área se deu evidentemente a partir do que foi apresentado, de modo que não seria possível se abster dessa ação. Sendo assim, foi selecionado o que se avaliou como menos danoso às especificidades dos conhecimentos de cada componente curricular que compõem a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Contudo, observa-se uma condensação de conteúdos e temas relevantes compilados em textos curtos com abordagens gerais, sem ênfase clara e direta às contribuições de componentes como a Filosofia que passa a ser diluída na área e assim corre o risco de passar despercebida.

Dentre as modificações proporcionadas pela BNCC e a Lei do Novo Ensino Médio na forma como damos aulas de Filosofia, gostaria de enfatizar dois aspectos a partir da integração dos componentes curriculares através de projetos e o planejamento pedagógico integrado, que são frequentemente ressaltados nas formações, palestras, encontros etc. Entendendo que os componentes curriculares tratados a partir de projetos integradores precisam ter suas peculiaridades, enquanto ciência e tipo de conhecimento, claramente apresentadas para que possam contribuir com o pensamento científico, crítico e criativo. No caso, embora seja uma abordagem integrada, os saberes específicos de cada componente precisam ser explorados, o que torna necessária a contribuição de professores com formação específica.

Conforme suscita a organização do livro didático, o planejamento pedagógico deve ser realizado de forma integrada, ou seja, planejamento por área de conhecimento, basicamente a partir de temas comuns aos componentes. Essa situação tem causado profunda inquietação diante da estrutura que os livros apresentam. Embora estes sejam mais um recurso didático, o livro é significativo devido ao seu caráter acessível, ou seja, todos os estudantes, ou pelo menos a maioria, recebe o livro didático. Quando se trata de recursos didáticos, como mídias, nem todos os estudantes têm acesso, pois muitos residem em áreas que não tem cobertura de internet, embora tenham recebido tablets e chips. No caso, trata-se de um recurso frequentemente utilizado pelos professores e professoras para planejarem aulas, mas da forma como temos hoje tem sido necessário buscar recursos complementares que nem sempre são viáveis no contexto da escola e, conseqüentemente, implicam na falta de êxito quanto ao aprofundamento das especificidades dos conhecimentos de cada componente da área.

John: Como eu disse, o IFCE possui autonomia administrativa e por isso ainda não foi implantado o novo ensino médio, apesar da gestão da instituição está tentando implantar. Por isso não sentimos diretamente o impacto da nova BNCC. Quanto ao livro didático nós vimos, lemos e avaliamos os livros mandados pelo MEC e consideramos muito ruins e decidimos conjuntamente, nós docentes de humanas, não adotar os novos livros e continuar com os antigos. Mas o IFCE é muito descentralizado e cada campus tem seu próprio currículo e seus próprios livros didáticos. Desse modo, enquanto nosso campus optou por não adotar o novo livro didático, outros campi adotaram, como foi o caso do de Fortaleza. Acho esses novos livros muito problemáticos, pois além de serem adaptados ao “novo ensino médio”, tratam de modo superficial conteúdos complexos e tem uma proposta de interdisciplinaridade que eu penso que não funciona. A interdisciplinaridade é um objetivo a ser alcançado, mas não de qualquer jeito

e do jeito que a nova BNCC tenta empurrar o que ocorreu foi a diluição de conteúdos, principalmente da filosofia.

Além dos desafios que a BNCC e a Lei do Novo Ensino Médio colocam para o ensino de Filosofia na educação básica, quais os outros desafios que dificultam o ensino desse componente curricular na educação básica?

Débora: De forma geral a sociedade vê a filosofia como algo distante e até irrelevante, por isso ela não é valorizada em boa parte das escolas. Essa visão foi construída e reforçada por um padrão de filosofia encastelado dentro da universidade, que é realmente de difícil acesso e quase para “iniciados”. Essa filosofia encastelada (que não é toda a filosofia, ainda bem), reitera muitas vezes que não se pode ensinar filosofia na educação básica, visto a limitação de tempo e amadurecimento. Infelizmente, muitos professores dos cursos de licenciatura em filosofia continuam a reproduzir esse movimento de afastar o filosofar do grande público. O cenário vem mudando, a abertura e acesso às questões filosóficas vem se ampliando, mas décadas alimentando um ciclo de filosofia para poucos não se desconstrói rapidamente, temos que enfrentar esse desafio com perspicácia. Afinal, sabemos que filosofar exige rigor, mas a meu ver é possível para todas e todos que forem adequadamente estimulados. Esse é o papel do professor.

Evanice: A carga horária do ensino de Filosofia no ensino médio é um dos nossos grandes desafios, inclusive, tem se acentuado ainda mais ao serem somados aos que discurremos anteriormente a partir da BNCC e da Lei do Novo Ensino Médio. Estamos tratando aqui de um componente curricular que tem apenas uma hora aula semanal, ou seja, cinquenta minutos uma vez por semana, isso quando não coincide com um feriado, ponto facultativo ou algum evento realizado na escola, o que pode fazer com que turmas passem cerca de quinze dias sem ter nenhuma aula de Filosofia. Outra situação típica é a aula de Filosofia ser a última do dia. Imaginem só em uma Escola Estadual de Educação Profissional que chega até a nona aula e, se for em plena sexta-feira, o aproveitamento não é o mesmo de aulas anteriores.

Uma questão ainda muito custosa para o ensino de Filosofia no ensino médio é o fato da carga horária desse componente ainda ser usada para completar lotação de docentes com formação distinta da Filosofia e, conseqüentemente, que lecionam outros componentes, como por exemplo História, que inclusive tem carga horária semanal superior à de Filosofia, pois são duas aulas semanais. Embora, ainda no último concurso estadual, tenham sido destinadas vagas específicas para Filosofia, essa prática ainda persiste nas escolas. Além disso, professores de Filosofia enfrentam dificuldades para completarem sua carga horária em uma única escola e assim têm que se desdobrar em até quatro escolas e em cidades distintas.

No nosso estado, ainda são poucos os municípios que ofertam o ensino de Filosofia no ensino fundamental, mais especificamente nas séries finais desta etapa da educação básica. A maioria dos estudantes da rede estadual tem seu primeiro contato com o ensino de Filosofia quando ingressam no ensino médio. Costumo indagar aos estudantes da primeira série sobre expectativas para as aulas, concepções sobre a Filosofia, filósofos conhecidos previamente por eles com o objetivo de diagnosticar a proximidade que eles têm do pensamento filosófico. Nessa ocasião, costumam se apresentar estudantes provenientes da rede privada que já tiveram aulas

de Filosofia nos últimos anos do ensino fundamental. Os demais relatam experiências de contato com a Filosofia através de outros meios, por exemplo a mídia. Contudo, temos estudantes que chegam ao ensino médio sem ter a menor ideia do que é a Filosofia ou sobre o que abordaremos nas aulas desse componente. Essa disparidade vai sendo refletida nos anos seguintes e, em alguns casos, até no interesse que eles vêm a despertar pelo pensamento filosófico.

John: A carga horária reduzida da disciplina é o principal ponto negativo. É muito difícil para um professor ou professora repassar o conteúdo, levantar discussões e fazer reflexões mais elaboradas em 50 minutos ou 1 hora. Só a chamada já consome um tempinho, aí tem a questão de controlar a bagunça dos estudantes, que no início de cada aula estão eufóricos ou pior, em alguns casos gastamos um bom tempo tentando mudar o estado de ânimo dos nossos estudantes, que às vezes estão apáticos. Acaba que os professores terminam por efetuar uma educação bancária, como diz o Paulo Freire, e não por demérito, mas devido às condições objetivas. Em muitos casos é uma vitória conseguirmos fazer os estudantes pelo menos saber quem foi Platão e entender o mito da caverna. Temos que fazer muito com pouco, por isso considero que além da inclusão da filosofia no ensino fundamental II, devemos pautar o aumento da carga horária de filosofia no ensino médio de 1 para 2 horas semanais, se igualando às demais disciplinas.

Outro fator problemático é o desconhecimento por parte dos estudantes do conteúdo de filosofia. Os assuntos filosóficos são complexos e múltiplos, além de cada corrente filosófica possuir um vocabulário bem específico. A maior parte dos nossos estudantes não teve contato com a filosofia no ensino fundamental e não sabe do que trata a disciplina. Para muitos deles a filosofia é falar do que “os outros disseram”, sendo que estes outros já estão mortos. Aí temos que começar do básico: explicar o significado da palavra filosofia, como e onde ela surgiu, do que ela trata, qual seu objetivo, sua relação com as ciências e com a religião etc. Tudo isso em 50 minutos. Se o docente for tratar tudo isso de maneira bem feita vai levar pelo menos um mês só nesses tópicos.

Por fim, outro ponto relevante é sobre a capacitação dos nossos colegas de área e sua inserção na comunidade escolar. Infelizmente, normalmente o docente de filosofia é o mais afastado das tarefas administrativas e o que mais “pega leve” com a garotada. Conheci muito professor de filosofia que ao invés de ministrar aula, incentivar a discussão conceitual e a capacidade argumentativa, transformava a aula em uma verdadeira sessão de terapia coletiva disfarçada de “roda de conversa”. Alguns alunos que tiveram experiência com professores desse tipo, sempre chegavam para minhas aulas com a ideia de que filosofia é qualquer coisa, que não reprova e que qualquer resposta na prova vale, pois é tudo questão de opinião. Ora, se filosofia é mera questão de opinião, por que temos um curso com pesquisa e que exige dedicação se é só emitir uma opinião? Ao reduzirem a filosofia à opinião e dizer que nela vale tudo, tais profissionais acabam desprestigiando a disciplina, que passa a ser considerada menos importante quando comparada às outras. Cabe a nós docentes de filosofia com nosso empenho, trabalho e dedicação demonstrarmos o valor da filosofia. Mostrar que filosofia é coisa séria e que a sala de aula é um espaço de produção e troca de saberes.

A Formação continuada e a pesquisa são duas importantes ações para o fortalecimento do ensino, especialmente o de Filosofia. Poderia comentar um pouco sobre elas e os desafios

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 12	n. 29 (especial)	2023	p. 319 - 333
--------------------------	--------	------------------	------	--------------

que nós professores(as) de Filosofia enfrentamos quando o tema é formação continuada e pesquisa?

Débora: Estamos diante de um cenário nunca visto na filosofia no quesito formação continuada e pesquisa. Muitos profissionais que se dedicam exclusivamente à formação e pesquisa, percorrendo graduação, mestrado, doutorado e até pós-doutorado, não conseguem colocação na carreira do magistério, visto a alta concorrência ou salários completamente defasados. Assim, filósofos e filósofas fazem da pesquisa sua carreira, vivendo da remuneração das bolsas de pesquisa, mas não atuam no ensino. Para entrar hoje no magistério a disputa por vagas na educação básica ou superior é enorme, seja como substituto, temporário, ou em cargos efetivos, então a concorrência deixa o professor assustado, para dizer o mínimo. Nesse contexto tão acirrado, o professor se submete a um grau de exploração muito difícil que, vale dizer, é um problema não só da filosofia, mas de toda classe discente. Há casos de universidades particulares que só admitem professores com especialização ou no máximo mestrado, para não ter de arcar com os custos de pagar por titulações mais altas. Poucos são os professores com o privilégio do incentivo à formação continuada e pesquisa estando no pleno emprego. Na maior parte dos casos, os professores que conseguiram consolidar sua carreira no magistério, seja no ensino público ou privado, sofrem por não ter tempo de se dedicar à pesquisa e formação continuada. Eles se deparam com jornadas de trabalho extenuantes para conseguir um salário digno e garantir sua permanência no cargo, além das formações oferecidas pelas instituições serem poucas e insuficientes. O professor deve tirar do seu âmago o desejo de permanecer em formação, mesmo diante da falta de estímulo, tempo, dinheiro (muitos cursos são pagos, além de gastos com material, livros, viagens e outros custos). A missão que se coloca ao professor é quase o velho lema “educar por amor”, sendo assim sua formação continuada e pesquisa pode acontecer de madrugada em um curso online, já que ele passa o dia trabalhando. Para finalizar a questão, eu acredito que o professor tem de se identificar sim com a docência, mas não a qualquer custo. Temos que lutar para criar as condições de exercer a profissão com dignidade e respeito que a categoria merece.

Evanice: Recentemente, em meio à pandemia de COVID-19 tivemos que nos adaptar às novas formas de lecionar, pesquisar e buscar formação para conseguir exercer o magistério. Desse modo, percebemos que as transformações nas relações e as mudanças em geral na sociedade despertam ainda mais em nós a necessidade de estar constantemente buscando conhecimento e aperfeiçoamento. A dinâmica do sistema capitalista também instiga essa necessidade de estar agregando valor ao indivíduo a partir das habilidades que ele adquire, das técnicas que passa a dominar e daquilo que se aprende.

Vale ressaltar que atualmente contamos com programas direcionados à pesquisa e formação de professores, especificamente de Filosofia, como o Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PROF-FILO, do qual faço parte. Através deste, professores e professoras de Filosofia, independentemente de ser efetivo ou contratado por tempo determinado, podem cursar um Mestrado Profissional em Filosofia. Contudo, é importante que o número de vagas seja ampliado, assim como a oferta de bolsas, pois muitos docentes residem em cidades muito distantes da capital e os custos, por exemplo de transporte, tornam a permanência no curso inviável.

Encontros de formação continuada, como por exemplo a partir do Foco na Aprendizagem, são promovidos pela secretaria de educação do estado por meio das Credes e SEFOR e ocorrem por área do conhecimento. Entretanto, acredito que devido ao grande número de escolas que compõem a rede estadual, é possível que no processo de multiplicação das orientações e desenvolvimentos das ações, haja dificuldades de estabelecer uma sintonia plena, ou seja, uma sincronicidade nas atividades propostas e isso, conseqüentemente, implica nos resultados esperados. É importante considerar, ainda mais agora com a BNCC e a Lei do Novo Ensino Médio que, embora as formações sejam por área, é significativamente válida a contribuição de professores formadores que sejam especialistas em cada um dos componentes que compõem a área para que a formação seja amplamente voltada para o todo e contemple assim as perspectivas, tracem estratégias, planejem e compartilhem vivências com os docentes que lecionam algum dos seus componentes.

O apoio e comprometimento das universidades com a pesquisa e a formação continuada dos docentes são fundamentais e não devem se restringir a graduação e pós-graduação. Entendo que a participação dos coordenadores de cursos e professores universitários nos eventos regionais e estaduais de formação continuada é necessário para pensar as demandas dos estágios, da licenciatura e do âmbito educacional. Nesse sentido não posso deixar de enaltecer a iniciativa do Fórum de Ensino de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará - UECE que promove encontros, inclusive virtuais, abertos aos professores e professoras da educação básica, no qual temos a oportunidade de dialogar, compartilhar experiências, abordar temas a partir da contribuição de especialistas e pessoas engajadas com o ensino de Filosofia. Ações como as realizadas pelo Fórum fortalecem o ensino de Filosofia e respaldam o nosso trabalho na sala de aula.

O Encontro Cearense de Professores de Filosofia, já realizada a segunda edição, tem contribuído significativamente com as pesquisas desenvolvidas pelos docentes e a formação continuada, promove espaços para divulgação científica, oficinas e minicursos planejados também por professores da rede que através desses compartilham experiências e contribuem com a formação de seus pares. Esses encontros tem motivado os docentes a produzirem, divulgarem suas obras, participarem e se mobilizarem. Além disso a articulação com as universidades, SEDUC, sindicato entre outras instituições, viabiliza ações e gera oportunidades, como por exemplo, a publicação de artigos em revistas como a Revista Docentes e a Revista Dialectus. A cada edição, o Encontro Cearense de Professores de Filosofia tem proporcionado mais espaços de diálogo, resistência do ensino de Filosofia e aumentado a sua abrangência. Encontros regionais como o Encontro de Professores de Filosofia do Cariri têm contribuindo bastante com as ações de fortalecimento dos professores e professoras de Filosofia da educação básica.

Em face do exposto, vale ainda ressaltar a importância da presença de professores com formação em Filosofia nas escolas. As aulas de Filosofia devem ser ministradas por professores e professoras de Filosofia. Entendendo, dessa forma, que os espaços ocupados pelos professores de Filosofia devem ser engajados e comprometidos com a preservação da Filosofia na educação básica para que as ações de resistência sejam efetivamente exitosas e emancipadoras.

John: Só tive formação continuada quando era docente da rede municipal de Pacatuba. Ocorria uma quinta por mês e era junto com os demais professores de ciências humanas. Havia dois tipos de formação, a que era ministrada por um professor convidado, geralmente do ensino superior (da UECE ou UFC) e as que nós fazíamos leituras compartilhadas e trocas de experiência. Eu preferia estas últimas. Normalmente os professores universitários que vão palestrar para os professores da rede básica não possuem experiência de “chão de escola”, e os que tiveram, estão longe de uma escola há décadas. Aí ocorrem falas desprezadas da realidade vivida nas salas de aula, são dados conselhos que não podemos seguir e traçados objetivos irrealizáveis. Eu não gosto de ouvir uma pessoa que não tem experiência sobre algo falando sobre o assunto. Quando as palestras eram focadas em temas das disciplinas, como história do Brasil ou filosofia política, mas também palestras sobre TDAH, Libras etc. e não sobre ensino, a coisa era outra, havia realmente envolvimento por parte dos docentes da rede e saímos com a sensação de que aprendemos algo, mas quando eram docentes de nível superior querendo ensinar como ministrar aula no ensino fundamental aí era complicado. O principal comentário dos professores da rede é que o palestrante não sabia do que estava falando, pois não estava dando aula para uma turma de 6º ano para saber das dificuldades.

Para finalizar, gostaria de fazer considerações mais livres sobre o ensino de Filosofia, que não tenhamos perguntado, mas que se faz importante considerarmos nesse momento tão singular em termos de desafios para o ensino de Filosofia no Brasil? Por exemplo, qual o papel do ensino de Filosofia na Educação Básica? Existe alguma forma de promover a valorização e ampliação da Filosofia no ensino médio? Fique à vontade para suas considerações finais.

Débora: Acredito firmemente que estudantes e professores fazem a educação melhorar quando estão organizados e unidos. Na filosofia, não podemos esquecer que fazemos parte da classe trabalhadora, da classe docente e até da classe filosófica. Nos associando, conseguiremos a garantia da permanência do ensino de filosofia e de melhores condições de trabalho, sem cair em isolamento ou disputas vãs que o sistema quer impor para nós desarticular. Outro ponto importante que vale a pena chamar a atenção é a questão da inovação: melhores condições de formação e trabalho permitem ao professor criar estratégias para ensinar e educar de modo mais instigante e promissor; usar tecnologias, mídias, artes e todo aporte que viabilize um ensino aprendizagem mais prazeroso e próximo àquele que está em contato com a filosofia, para que essa entre e permaneça na vida de quem teve contato com ela. Ensinar filosofia não se trata de repetir o que os filósofos pensaram, mas de abrir possibilidades de pensamentos outros, de despertar curiosidades e formas de pensar distintas daquelas que os estudantes estão acostumados, isso é a inovação que a filosofia pode articular se usar ferramentas cheias de possibilidades.

Evanice: Com as normativas que nos deparamos atualmente, o sentimento que, por vezes, nos toma é o de estar novamente no olho do furacão, do ensino de Filosofia estar sob ataque. A busca insistente pelo espaço do ensino de Filosofia na educação básica é histórica e desgastante para nós, mas resistimos lutando com estratégias de fortalecimento do ensino de Filosofia na nossa sala de aula com os nossos estudantes que, embora tenham apenas um livro para dar conta

de uma área inteira, buscamos demonstrar as especificidades do pensamento filosófico, pois somos os regentes da aula e somos professores de Filosofia. É importante deixar isso evidente. O espaço que temos hoje foi conquistado, assim como buscaremos mais. Embora tenhamos cinquenta minutos semanais, as indagações suscitadas pela filosofia ultrapassam o limite da hora aula e os muros da escola e essa contribuição é significativa na formação cidadã. Reconheço que a responsabilidade e o desafio, desse modo, atribuído aos docentes é enorme, mas se não ocuparmos os espaços eles se tornarão cada vez mais difíceis de serem recuperados.

Os esforços para conseguir implementar uma educação transformadora e o ensino de Filosofia ao longo dos últimos anos são inúmeros, mas sofrem diretamente o impacto de um ensino de Filosofia no Brasil, que foi influenciado pelos acontecimentos que marcaram a história do país e determinaram os rumos a serem seguidos pela educação, através de normativas como a Lei nº 4.024 de 1961, a partir da qual o ensino da Filosofia deixou de ser obrigatório no Ensino Médio. Posteriormente, no apogeu da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), o ensino de Filosofia foi excluído do currículo, através da Lei nº 5.692 de 1971. Este fato marcou de modo negativo o desenvolvimento da Filosofia como disciplina, devido ao intervalo instaurado na sua prática, configurando um entrave na sua efetivação na educação básica. O ensino de Filosofia passou por muitas mudanças, sendo previsto como disciplina obrigatória do ensino médio somente a partir do ano de 2008, através da Lei nº 11.684/08. O resultado desse percurso é notório até hoje, conforme discorre Sílvio Gallo no prefácio da obra *Filosofia em Sala de Aula*, de Lídia Maria Rodrigo (2009), no qual ele ressalta como resultado desse processo histórico o pouco desenvolvimento do campo de estudo e pesquisa em torno de uma didática da Filosofia, além da formação do professor de Filosofia que, segundo ele, quando se dá, acontece por esforço de professores universitários de disciplinas de metodologia do ensino de Filosofia e/ou estágio supervisionado, ou ainda ficando a cargo do próprio licenciando, tendendo a buscar como modelo a ser imitado ou recusado os seus próprios professores.

Em face da BNCC e a Lei do Novo Ensino Médio, a Secretaria de Educação do Estado do Ceará nos apresenta um Documento Curricular Referencial que contém diretrizes e orientações muito pertinentes para a compreensão acerca do espaço do ensino de Filosofia no Ceará, inclusive contou com a colaboração e autoria de professores de Filosofia engajados com o ensino de Filosofia na educação básica. Entendo como uma iniciativa muito válida, contudo é necessário que os docentes se apropriem e conheçam profundamente para que nossas ações sejam conscientes e comprometidas.

Tal contexto apresentado de forma breve, junto dos anos de experiência enquanto docente de filosofia na rede básica, fez perceber recorrentes problemas na educação. Em muitos casos, temos um ensino de filosofia conservador, bancário, tradicional, que não leva em consideração as perspectivas e saberes trazidos pelos discentes. Além disso, casos de educadores que não compreendem a situação estrutural e simbólica dos estudantes e sua própria condição de opressão dentro do sistema educativo, faz com que haja pouca ou nenhuma identificação do jovem estudante do ensino médio com a filosofia que lhe é apresentada. É nesse sentido que pensamos ser necessárias estratégias metodológicas críticas para vencer desafios que se apresentam cotidianamente na escola, e a Filosofia pode contribuir em demasia.

O diálogo deve ser também uma proposta metodológica que visa aproximar o estudante do conhecimento e assim atender uma demanda social de compreensão da realidade.

Desenvolvendo a pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PROF-FILO a partir de práticas de ensino de Filosofia, a proposta é uma investigação crítica do papel do diálogo como metodologia de ensino de Filosofia, buscando exatamente as bases e conceitos de diálogo que a própria Filosofia consolidou, mostrando-se, portanto, uma ferramenta segura de conhecimento em conexão com as demandas sociais. De acordo com isso, entendemos que ele, ao ser desenvolvido objetivamente como ferramenta, pode compor uma metodologia de ensino de Filosofia específica para educação básica, resultando na viabilização em um produto educacional que transforma a prática do ensino de filosofia e a relação desse ensino com os estudantes. Afinal, a Base Nacional Comum Curricular pressupõe ações pedagógicas que atendam aos desafios propostos à formação humana, e mesmo com todas as suas limitações e problemas a serem cuidadosamente analisados, tende a atender algumas especificidades do contexto social.

John: Gostaria de finalizar relatando um pouco da minha experiência no ensino fundamental. Quando me graduei em 2014, prestei o concurso para professor da rede municipal de Pacatuba e iniciei minha trajetória no ensino fundamental II em 2016. Passei pouco mais de um ano como professor da rede e foi uma ótima experiência. Pacatuba é uma das poucas cidades que possui filosofia na grade curricular no lugar de ensino religioso e possui uma boa carga horária, pois são 2 horas semanais de filosofia no 8º e 9º ano e 1 hora semanal no 6º e 7º ano. O único problema é ausência de uma diretriz curricular e livro didático para a disciplina, o que torna tudo muito aleatório e artesanal, ficando a cargo do professor quais serão os conteúdos de cada série é basicamente cada escola possui seu “currículo”, assim ocorria de numa escola os alunos e alunas terem uma filosofia de caráter mais temático, como propõe o Silvio Gallo e em outra havia professores que possuíam uma abordagem mais histórica da disciplina, como era o meu caso. Apesar desse problema, foi gratificante ver a filosofia sendo levada a sério nas escolas, pelos estudantes e também nas formações. Por isso considero importante pautar a filosofia nas redes municipais e que essa experiência exitosa de Pacatuba deveria ser mais conhecida pelos professores de filosofia do Ceará e servir como modelo para outras redes municipais. Nossos jovens têm muito mais a ganhar com a inclusão de filosofia no ensino fundamental do que assistindo aulas de ensino religioso. Nada contra religião, mas penso que a escola não é lugar para ensino religioso, que a religião pode e deve ser abordada num sentido sociológico, filosófico e histórico, mas não deveria contar como uma disciplina. Inclusive, uma ex-aluna minha de Pacatuba atualmente é graduanda do curso de filosofia da UECE e segundo ela esse interesse pelo assunto surgiu por causa das minhas aulas de filosofia no 9º ano. Isso para mim é muito gratificante.

A filosofia é uma atividade que busca pensar os fatos além da sua aparência e que pode tornar qualquer tema seu objeto de reflexão. Pode refletir sobre o alcance da ciência, sobre a função da arte e da religião, além de ponderar sobre como o ser humano deve ou não agir no seu dia a dia. Dessa maneira, a importância da Filosofia na educação básica é contribuir para a formação reflexiva e críticas do estudante ao lhe estimular a pensar sobre a realidade em que vive e refletir sobre os problemas que há e não são poucos.

No caso específico da sociedade brasileira, a crise da democracia não só é um tema filosófico, mas uma questão prática urgente. Para a superação dessa crise, penso que a filosofia tem um papel a desempenhar. Quer dizer, a filosofia é útil para uma sociedade que quer ser democrática.

Como o estudante poderá ter uma formação completa e se capacitar para o exercício da sua cidadania se não tiver uma carga horária decente de filosofia? Aprendemos com a história que é próprio dos regimes autoritários excluirmos a filosofia da grade curricular das escolas, pois com isso pretendem manter o povo calado e conformado, pois sem ensino de filosofia se atrofia e não se desenvolve bem uma reflexão acurada e uma mente questionadora.

Desde o seu surgimento, a filosofia prezou pela discussão aberta sobre os mais variados temas e pela tentativa de solucionar os conflitos através do diálogo. E o diálogo pressupõe uma boa capacidade argumentativa. Saber argumentar de forma adequada, procurando evitar incoerências e prezando pela consistência lógica, prepara nosso estudante para ser capaz de identificar argumentos falsos, uma capacidade fundamental em um ambiente infectado por notícias falsas e ataques a nossa jovem e frágil democracia.

O desenvolvimento da capacidade argumentativa e abertura para o diálogo é fundamental para o fortalecimento da democracia brasileira e a filosofia preza pelo debate e pela solução dialogada das nossas diferenças. Portanto, uma democracia em que os cidadãos conhecem o básico da cultura filosófica tende a ser mais forte e sólida.

Minha conclusão é a de que, no atual contexto de ataques fascistas às instituições democráticas, de negacionismo científico, de desprezo pela vida, a filosofia não só é útil, mas, sobretudo, necessária. Cabe a nós, professores de filosofia, assumirmos o protagonismo de provar a sua relevância, apresentando, cada um à sua maneira, os bons frutos que a cultura filosófica pode trazer à sociedade brasileira.

Muito obrigado pelo convite, camaradas!

CURRÍCULO DOS ENTREVISTADOS

Debora Klippel Fofano

Possui graduação em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2007), mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (2011,). Atualmente é doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará, pesquisando sobre Ideologia e Violência a partir das reflexões de S. Zizek. É professora da educação básica no Ceará. Criadora de conteúdo do perfil @filosofa.deinterrogacao e do Podcast Perdidos na Paralaxe.

Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1844116791450405>

Francisca Evanice Mourão Lima

Possui graduação em Filosofia - Licenciatura pela Faculdade Evangélica do Meio Norte(2013), especialização em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia pela Universidade Candido Mendes(2014), aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal do Ceará(2014) e aperfeiçoamento em Didática e Metodologia para Formação de Tutores de EaD pela Universidade Federal do Ceará(2016). Atualmente é Professora da EEM Gerardo Magella Mello Mourão. Tem experiência na área de Filosofia.

Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6734116278224283>

John Karley de Sousa Aquino

Professor EBTT do IFCE/Campus Itapipoca. Doutor em Filosofia pelo programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), com projeto de pesquisa na teoria social do filósofo Herbert Marcuse. Mestrado pelo programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal do Ceará (UFC), com projeto de pesquisa sobre a filosofia política de Hegel. Graduado em filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de Pesquisa: Atualidade do Pensamento Político de Herbert Marcuse (GP-Marcuse/UECE) e do Coletivo Centelha (Centro de Estudos Políticos e Sociais/IFCE). Tem como interesse a obra de Hegel, a psicanálise freudiana e a teoria crítica de Herbert Marcuse. Pesquisa sobre a produção filosófica nacional e o processo de colonização e descolonização filosófica.

Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2083893988665456>

CURRÍCULO DOS ENTREVISTADORES

Antônio Alex Pereira de Sousa

Doutorando e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Filosofia pela Universidade Estácio de Sá. Coordena o Grupo de Estudos em Foucault (GEF-UFC) e participa do FILODITEC (Eixo de pesquisa Filosofias da Diferença, Tecnocultura e Educação do PPG em Educação da UFC). Professor de Filosofia concursado da Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Desenvolve pesquisa em Filosofia Contemporânea, Educação, Ensino de Filosofia, Gênero, relações étnico-raciais, Ética, Currículo e temas gerais em torno da produção filosófica de Michel Foucault (Sexualidade; Poder; Direito; Racismo de Estado; Filosofia; Saber; Cuidado-de-si; Neoliberalismo; Subjetividade).

Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9432362482614655>

Paulo Willame Araújo de Lima

Professor efetivo da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC-CE). Doutorado em andamento pelo programa de pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) na linha de pesquisa "Arte, Subjetividade e Cultura". Mestre em Filosofia, na linha de Ética e Política da Universidade Federal do Ceará (UFC), pesquisando o tema da violência a partir de Jean-Paul Sartre. Graduando no bacharelado em Administração pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com matrícula temporariamente trancada. Integrante do Coletivo Kintal de Afetos e do Coletivo Transpassando. Embaixador da Juventude pelo Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime - UNODC em parceria com o Instituto Caixa Seguradora. Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Voluntário no Programa de Extensão Transpassando UECE. Foi Agente Educacional da Busca Ativa, na Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza (SME); Estudante da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS formado pelo CREAECE. Estudante de Teatro, ator e colaborador na escrita do texto de Re-talho, espetáculo com direção de Neidinha Castelo Branco (CPBT-TJA). Foi bolsista do Programa de Bolsa de Estudos e Permanência Universitária (PBEPU). Foi representante discente no Colegiado de Filosofia. Foi bolsista de Iniciação à Docência (PIBID). Foi bolsista de Iniciação Científica (IC). É arte-educador e audiodescritor mediante estágio educacional realizado no Museu da Cultura Cearense (MCC). Técnico em Finanças pela EEEP José de Barcelos. Produtor Cultural e Coordenador na organização de eventos socioculturais, acadêmicos e artísticos. Coordenador de Acessibilidade Cultural em vários projetos ligados aos Coletivos Transpassando e Kintal de Afetos. Experiente em representações político-administrativas como liderança de sala, coordenação de grupos juvenis e representações estudantis universitárias.

Link currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5476643014624172>